



Arte e devoção: considerações sobre o Museu Vivo do Padre Cícero

Ewelter de Siqueira e Rocha¹

Ana Cláudia Sousa²

Resumo: O presente artigo tem por substrato a pesquisa de mestrado intitulada O Museu Vivo do Padre Cícero e seu Projeto Educativo, que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGARTES, do Instituto Federal do Ceará. Em sentido amplo, realizamos uma reflexão sobre a configuração expositiva dos museus, na condição de espaço educativo, a partir da investigação a cerca do Projeto Educativo do Museu Vivo do Padre Cícero, instituição situada na cidade de Juazeiro do Norte – CE. A questão norteadora da pesquisa consiste em problematizar o espaço do Museu Vivo do Padre Cícero, compreendido enquanto instituição de educação não formal, contemplando e discutindo as principais instâncias de seu projeto educativo. Tomando como referencial teórico estudos das pesquisadoras Ana Mae Barbosa, Rejane Coutinho, Maria Isabel Roque e Carla Padró Puig, estabelecemos relações entre os conceitos de “educação em museus” e o projeto do museu em questão, identificando o lugar que as ações educativas ocupam em seu projeto institucional. Considerando as dinâmicas da contemporaneidade, refletimos sobre a pertinência da concepção do projeto expositivo do Museu Vivo do Padre Cícero, a qual foi idealizada há quase duas décadas, mantendo-se, até hoje, fiel ao seu projeto original, a despeito das novas tendências curatoriais.

Palavras-chave: Arte ; Devoção Popular; Museu Vivo do Padre Cícero; Educação não Formal; Mediação Cultural.

Art and devotion: considerations on the “Museu Vivo do Padre Cícero”

Abstract: This article is based on a master’s research entitled The Living Museum of Padre Cícero and its Educational Project, which is being developed with the Post-Graduate Program in Arts - PPGARTES of the Federal Institute of Ceará. In a broad sense, we carried out a reflection on the exhibition configuration of the museums, in the condition of educational space, from the investigation about the Educational Project of the “Museu Vivo do Padre Cícero”, institution located in the city of “Juazeiro do Norte – CE”. The guiding question of the research is to problematize the space of the museum, understood as an institution of non-formal education, contemplating and discussing all the instances of its educational project. Taking as reference theoretical studies by researchers Ana Mae Barbosa, Rejane Coutinho, Maria Isabel Roque and Carla Padró Puig, we established relationships between the concepts of “museum education” and the museum project in question, identifying the place that educational actions occupy in its institutional project. Considering the dynamics of contemporaneity, we reflect on the pertinence of the conception of the exhibition project of the “Museu Vivo do Padre Cícero”, which was idealized almost two decades ago, remaining

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduado em Música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Curso de Música da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Possui produção acadêmica abrangendo os campos da Etnomusicologia e da Antropologia Visual. Atualmente desenvolve pesquisas abordando a estética do sagrado e as performances musicais relativas ao catolicismo popular nordestino, procurando relacionar sonoridades, corpo e iconografia religiosa. E-mail: ewelter2@yahoo.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto Federal do Ceará – PPGARTES/IFCE. Especialista em Educação Inclusiva e Especial. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora de Arte no Colégio Ágape do Cariri, em Juazeiro do Norte, CE. Desenvolve estudos e pesquisa sobre Arte/Educação, Arte Sacra, Educação em Museus, Mediação Cultural, Memória e Fotografia. E-mail: anaclaudia.artesvisuais@gmail.com.

faithful to its original project, despite the new curatorial tendencies.

Keywords: Art; Popular Devotion; “Museu Vivo do Padre Cícero”; Non-formal Education; Cultural Mediation.

Introdução

É ainda bastante comum a associação da palavra museu a local com a função de “guardar coisas velhas”. Também, é crescente a percepção, por parte do público, da função de lazer, apreciação e educação que os museus possuem na sociedade. Neste artigo, refletimos sobre um conjunto de singularidades relativas ao projeto educativo do Museu Vivo do Padre Cícero, instituição localizada na cidade de Juazeiro do Norte, um dos maiores centros de romaria popular do Brasil, situada na região do Cariri cearense³.

Antes de abordar o tema central dessa reflexão, cumpre-nos apresentar algumas questões gerais relativas à educação e à mediação em museus, instâncias encaradas enquanto dispositivos imprescindíveis para o estabelecimento de um programa educativo eficaz que considere, tanto aspectos supostamente universais referentes à fruição estética, quanto singularidades locais relativas à cultura, à história e à conjuntura social do lugar que abriga o museu.

Ao refletir sobre “mediação”, no âmbito de vários possíveis espaços culturais (exposições, galerias, mostras, bienais), Padró (2009) ressalta que é no museu que começa a ser pensada a ação de uma educação para a apreciação, que projeta saberes aos visitantes, caracterizando, com isso, a função educativa desses espaços. Neste sentido, é na relação com o museu que refletimos a concepção de projetos educativos nesses ambientes, problematizando a fronteira tênue instituída em razão de um conjunto de subjetividades devocionais que singularizam a contemplação do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero.

Nas últimas décadas, assistimos a um proliferar de pensamentos e reflexões sobre identidade cultural, os quais convergem, de forma auspiciosa, para o desencadear de novas abordagens e práticas educativas, e para uma visão de patrimônio cultural integrado. Em relação aos museus, surgem novos paradigmas para conceber antigas dicotomias, como *passado-presente*, *objeto-sujeito*, *material-imaterial*. Neste contexto, se constitui plausível uma discussão sobre as “exigências” das sociedades pós-modernas, passando, pela reflexão e pelo questionamento da natureza e do estatuto do próprio museu, enquanto instituição cultural.

Questões sobre educação em museus fazem parte de um rol de problemas aos quais pesquisadores vêm se dedicando, ora enfocando temas educacionais amplos relacionados ao papel social e educacional dessas instituições, ora tomando por foco questões específicas de aprendizagem, ora abordando processos de transmissão de conhecimento nos espaços expositivos e nas demais atividades educativas realizadas em museus.

Aos mecanismos de preservação e ao estudo de seus acervos, tornou-se indispensável acrescentar a exploração educativa do seu repertório material e simbólico. Nesse panorama, profissionais capazes de fazer a mediação entre o museu e o público se tornam agentes de significativa relevância. Nas sociedades

³ “Limitando-se com os estados do Pernambuco, Piauí e Paraíba, o Cariri cearense, segundo a geógrafa Edith Menezes, “apresenta aspectos diferenciados do sertão circundante. É um brejo de encosta e de vale que se estende em parte da depressão sertaneja” (2007, p. 341). “É, portanto, uma espécie de vale fértil ilhado pelo sertão, cujo epicentro religioso e econômico, encontra-se na cidade de Juazeiro do Norte” (ROCHA, 2012, p. 11).

de informação, os museus constituem espaços para onde convergem diferentes culturas, compartilhando afinidades e idiossincrasias, condição que exige um olhar cada vez mais atento a sua potência educativa.

A pesquisa na área de educação em museus aponta algumas particularidades relacionadas aos processos educacionais desenvolvidos nesses locais. Segundo Padró, “distintas museologias legitimam, silenciam, relatam certas noções sobre a função educativa dos museus” (2009, p. 53). Para a autora, a educação media significados em relação ao que o museu proporciona de conhecimento ao visitante em determinado contexto, dialogando com a identidade, a subjetividade, a cultura e a coletividade. Nesse sentido, a especificidade dos museus está relacionada a elementos como o lugar, o tempo e a importância dos objetos que constituem o seu acervo.

Com relação às particularidades pedagógicas dos museus, a questão da brevidade do tempo de contemplação é destacada por alguns estudiosos, em comparação com a temporalidade vivenciada na escola. Diferente do contexto escolar, o espaço museal oferece uma experiência temporal contínua e de duração reduzida, apesar de ser essencial para as estratégias de comunicação. Dessa constatação, resulta a consolidação do tempo como um vetor significativo na elaboração de estratégias educativas, imbricando-se a outras variáveis, como características do acervo e projeto expográfico.

Outra especificidade dos museus em relação à escola, cujos desdobramentos se refletem na adequação de projetos educativos, reside na estrutura arquitetônica desses espaços. Os primeiros são concebidos sob a presunção de oferecer um trajeto “aberto”, em oposição ao espaço “fechado” da escola; no museu, o visitante não fica preso a uma ingerência formativa preestabelecida, sendo voluntariamente cativado pela exposição durante seu percurso contemplativo. Nesse sentido, faz-se importante haver ações educativas que promovam uma formação específica para os mediadores e para todos os dispositivos de recepção envolvidos, levando em consideração o tempo e o espaço da exposição, não apenas enquanto institutos de ordem abstrata, mas enquanto entidades materiais que agregam valor às obras e à experiência contemplativa.

A voz do Museu: a exposição como linguagem

Concebido para ser um mosteiro destinado a ofícios espirituais, conhecido como Casarão do Horto, o edifício que abriga o Museu Vivo do Padre Cícero foi fundado em 1907, mas apenas em 1998 assumiu a condição de espaço público de exposição de obras religiosas. Para abrigar o Museu, o lugar foi submetido a um projeto de restauração arquitetônica, com sua inauguração datada de 1º de novembro de 1999, reconhecido e registrado no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

O Museu Vivo do Padre Cícero⁴ possui uma configuração expositiva em que predomina um forte pendor devocional, em cujo acervo estão retratadas cenas da vida do “Santo de Juazeiro”⁵, além de apresentados objetos de seu uso pessoal, ex-votos e um conjunto de ícones religiosos relacionados à história da religiosidade popular de Juazeiro do Norte. Além da natureza do acervo, outro aspecto corrobora o caráter religioso atribuído à instituição, sobretudo pelos romeiros e devotos que frequentemente visitam o lugar. O

⁴ Atualmente o contingente técnico do Museu Vivo do Padre Cícero é composto por dois funcionários que trabalham com a mediação na galeria, ambos com escolaridade correspondente ao ensino médio, um dos quais, cedido pela Prefeitura. Completam o quatro, uma assistente social e dois seguranças. O diretor é um padre que divide a função de direção com seus ofícios religiosos.

⁵ Expressão utilizada pelos devotos para fazer referência a sua crença na santidade do Padre Cícero.

espaço onde está edificado o museu, conhecido por Colina do Horto, constitui o epicentro de um circuito de peregrinação religiosa, fazendo com que a edificação e o próprio acervo assumam um caráter místico, estatuto que é reforçado pelo local que dá acesso ao seu interior: uma capela fortemente ornamentada com signos religiosos, condição que reforça ainda mais o capital devocional do lugar.

Essa contingência, simbólica e geográfica, fez com que o Museu Vivo do Padre Cícero ficasse subsumido a um histórico de criação que permitiu, com o tempo, a formação de um hiato entre a instituição e a comunidade local que não compartilha do mesmo engajamento religioso. Nessa perspectiva, resulta imprescindível refletir sobre a pertinência do seu projeto educativo, o qual foi idealizado há quase duas décadas, mantendo-se, até hoje, fiel à concepção original, a despeito das orientações da nova museologia⁶.

Essa condição exige um projeto educativo que não reforce uma espécie de “musealização do sagrado”, em que o objeto de contemplação estética é convertido em artefato de devoção religiosa. Considerando-se essa ambivalência, é necessário estabelecer um programa que compreenda as competências e expectativas de um público diversificado e plural, sem comprometer ou limitar a potência histórica e simbólica da instituição e do acervo, acolhendo tanto os devotos como as pessoas sem adesão confessional.

Propostas elaboradas para modelos expositivos referentes a acervos que operam sobre a dialética contemplação–devoção, salientam que o discurso museológico deve ser neutro e isento no sentido de não agredir ou ofender quaisquer sensibilidades ou crenças. Segundo Padró (2009), o discurso do museu deve assumir sua identidade ao interpretar os dados funcionais, educacionais ou simbólicos que lhe dão sentido. Ao abordar a função educativa dos museus, a autora ressalta que “interessa abordar os estudos de museus desde a educação, porque ela também produz conhecimento no pensamento museológico, apesar de se ausentar de muitos textos sobre museologia (PADRÓ, apud BARBOSA, COUTINHO, 2009).

O sistema de exposições do Museu Vivo do Padre Cícero define-se a partir das tipologias de longa duração, cujo projeto expográfico sugere uma concepção que evoca o que poderíamos chamar de “uma estética da fé”. O circuito expositivo assume um caráter impositivo, forma de organização que estabelece uma “rota” para o visitante, reproduzindo a lógica dos percursos de peregrinação, em que o trajeto, ao modo de um texto narrativo, encerra um discurso sobre um fato histórico ou cultural, restringindo a potência polissêmica do ato contemplativo, em contraposição a uma configuração propositiva, de caráter mais flexível e democrático.

Os museus, tal como as bibliotecas, em certa medida, preservam e divulgam uma “imagem” do passado e refletem o conceito que, em cada época, se constrói acerca da própria história. A existência de uma objetividade universal supostamente depreendida da atividade museológica, ou em outras palavras, a presença de uma diretriz unívoca que oriente a concepção de um projeto educativo ideal, perde o sentido na atualidade, seja em razão das singularidades dos cenários socioculturais de cada contexto, seja em razão do capital ideológico envolvido na organização do seu projeto educativo.

⁶ Abordando a instituição museológica em termos da sua história e dos seus propósitos, a Nova Museologia baseia-se na consideração da sua função social e das suas narrativas e estratégias expositivas. Segundo o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (2012), o principal legado desse processo de alteração conceitual foi um esforço em inserir a política preservacionista em um fato social e operar a partir dele. As pessoas passaram a ser consideradas detentoras de referências e bens culturais, ou seja, os sentidos e significados do patrimônio cultural decorrem não somente de sua materialidade, mas do público com quem a instituição estabelece uma rede de interações.

Embora congrace objetivos históricos e memoriais, o compromisso social dos museus não se limita a uma apresentação de fragmentos materiais do passado, mas se oferece como equipamento privilegiado para despertar um olhar reflexivo sobre o tempo presente e provocar reflexões sobre o futuro. Nessa visão, os museus assumem uma identidade complexa, em que interagem, dinamicamente, indivíduos, objetos, conceitos, espaços e fatos. Desta forma, em um museu com acervo de caráter religioso, a leitura e a compreensão do objeto exposto estão sujeitas à diversidade das vivências religiosas protagonizadas individualmente por visitantes, bem como pela proposta educativa instituída.

A questão central de projetos educativos que lidam com este contexto, é identificar a forma como o museu (des)contextualiza os conteúdos funcionais, semânticos e simbólicos relacionados ao conteúdo sagrado do acervo. De acordo com Maria Isabel Roque, “discorrer acerca da musealização do sagrado implica averiguar se o sagrado pode ser e como deve ser musealizado” (2011, p.11). Corroborando a autora, entendemos que o projeto educativo de um museu, composto predominantemente de acervo religioso, deve preocupar-se também com a exposição dos dados imateriais e com a vinculação do objeto em relação a sua função “sagrada”, considerando tanto o contexto, a função e o significado, quanto os aspectos materiais, formais e históricos.

Um museu vivo, entre devoção e contemplação

Como já dissemos em relação ao espaço físico, o Museu Vivo do Padre Cícero está vinculado a um histórico de criação que favoreceu o estabelecimento de uma distância entre a instituição e a população de Juazeiro do Norte, que não possui adesão confessional. Nessa perspectiva, considerando as dinâmicas da contemporaneidade, refletimos sobre os desafios de conceber um projeto expositivo do Museu Vivo do Padre Cícero, partindo de um estudo crítico da situação atual, que faz uso de uma proposta expositiva idealizada há quase duas décadas, mantendo-se, até hoje, fiel ao seu projeto original, a despeito das novas tendências curatoriais.

Em face das especificidades elencadas, é legítimo conceber o Museu Vivo do Padre Cícero como instância que dissemina uma ideologia religiosa, uma espécie de instrumento de mediação, que não apenas conjuga pessoas, objetos e espaço, mas que articula um valor devocional. Essa lógica ganha vulto nas romarias, período em que se intensificam as relações de grande potencial afetivo, estabelecidas entre os romeiros e a religiosidade local. Esse contexto extraordinário desencadeia operações simbólicas sutis, deflagradas pela imersão do visitante devoto em um ambiente que supostamente compartilha e professa valores religiosos que transcendem o domínio estético e contemplativo, situação a partir da qual, segundo Roque (1990), a comunicação é produzida. É nesse jogo, permeado por afetividades particulares que o projeto educativo deve se inserir, contemplando a mente e o corpo, estética e religião, experiência e conhecimento.

Realizando um estudo sobre uma possível sistemática de categorização dos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, Carla Brito indaga “como efetivar um modelo de categorização que possibilite a constituição da memória do acervo desse museu?” (2012, p. 18). Depreende-se de seu estudo que a potencialização de ações educativas no Museu Vivo do Padre Cícero, como curadoria, mediação cultural, materiais educativos e oficinas, deve reforçar o conceito de museu enquanto *locus* de produção e construção de sentidos, e

não apenas como espaço de reprodução da realidade e da história cultural da região.

Modos contrastantes de experiência, construídos a partir de ações educativas designadas para pensar as diferentes dimensões da resposta do visitante, podem sugerir uma tensão entre devoção e patrimônio cultural no Museu Vivo do Padre Cícero. Nesse contexto, é conveniente pensar em propostas que transcendam o produto de relações históricas específicas, cujo objetivo seja o conhecimento dos vários significados que compõem o objeto estético-religioso, como a investigação com finalidade de identificar e descrever os “ganhos” e as “perdas” que ocorrem durante o processo de musealização, bem como a definição das metodologias mais adequadas à especificidade destes elementos, sem corromper a sua componente sagrada.

No que concerne à sua importância simbólica, o edifício que abriga o Museu Vivo do Padre Cícero possui relevante valor histórico, uma vez que se trata da antiga casa em que residiu o Padre Cícero Romão Batista, maior ícone religioso do Nordeste. O próprio prédio, com suas evocações simbólicas e arquitetônicas, constitui *per se* um objeto de valor de culto e exposição. Nesse sentido, constitui-se em um objeto em exposição permanente, realçando o valor dos itens que abriga em seu programa expográfico. Não seria exagero pensar em uma “exposição dentro de outra”. Por essa razão, o projeto expositivo deve estar em consonância com o valor simbólico e cultural do edifício que abriga o acervo.

A exposição, montada no ano de 1999, permanece praticamente inalterada. Apesar de haver uma suposta lógica expositiva, não ficam claramente estabelecidos limites e indicadores entre um espaço de contemplação e um ambiente destinado a práticas devocionais. Novas propostas elaboradas para modelos expositivos salientam que a orientação deve ser neutra e isenta, no sentido de não agredir ou ofender quaisquer sensibilidades ou crença. Segundo Padró (2009), o discurso do museu deve assumir sua identidade ao interpretar os dados funcionais, educacionais ou simbólicos que lhe dão sentido. Como espaço relacional, o museu pode e deve ser convocado a agir em favor das comunidades e dos povos, não simplesmente a representar a história dos objetos (acervo) completa e precisamente. Dentre as possibilidades contemporâneas de pensar as singularidades dos museus que trabalham como objetos de valor religioso, Roque ressalta o uso de recursos oriundos das novas tecnologias:

As novas tecnologias permitem ligar o espólio aos mais diversos campos do conhecimento: o museu pode providenciar-lhe toda a gama de significados e estabelecer no espaço virtual conexões com o lugar de origem com objetos similares ou afins. O estudo do objeto religioso encontra aqui uma vantagem crescente, ao permitir a sua apropriação sem risco de o profanar (2011, p. 8).

Em respeito às demandas atuais, o estatuto social dos museus está relacionado à necessidade de cumprirem uma função pedagógica, enquanto espaços educativos integrados, física e simbolicamente à sociedade. Reflexões e pesquisas sobre a relação entre educação e museus vêm sendo intensificadas e já é possível identificar linhas de investigação presentes em pós-graduações nacionais e internacionais, com publicações especialmente voltadas para o tema da educação.

Na exposição museológica, assim como em outras formas comunicacionais, o papel da linguagem se efetiva a partir de uma relação particular entre quem fala e quem ouve. O êxito efetivo dessa comunicação, no sentido de propiciar ao visitante algum tipo de experiência ou aprendizado significativo para sua vivência, requer da instituição, a elaboração de estratégias de mediação cultural integrando passado e presente, apresentando as exposições a partir de uma ótica plural, que permita e fomente a liberdade de interpretações. As autoras Martins e Demarchi, destacam a importância de considerar os visitantes como

sujeitos sociais que compartilham uma diversidade de experiências em relação à arte e à cultura:

O objetivo da mediação cultural é trabalhar em busca de potencializar encontros [...]. Para isso, é preciso olhar o outro. O que pode ser provocador e facilitador para um, pode ser intimidador e opressor para outro e a possibilidade de estar junto com tantos outros nos coloca entre desejos, referências culturais e pessoais de cada visitante e os das instituições culturais, dos educadores no museu, dos artistas, dos curadores, dos visitantes (2016, p. 7).

As autoras consideram a ação educacional em espaços expositivos como um importante dispositivo para uma aproximação entre culturas sobre as quais podem se apresentar novas reflexões. Corroborando esse entendimento, defendemos, em relação ao Museu Vivo do Padre Cícero, um conjunto de ações educativas que se projete além do espaço do prédio do museu, projetando-se até os domínios da cidade, contemplando campanhas informativas em escolas, órgãos públicos e equipamentos de comunicação mediática. Essa proposta, vinculando-se aos estudos de mediação cultural em museus, tem por substrato a compreensão da relevância social de a cultura, pensada enquanto saber local, representar seus próprios valores, contudo, criando mecanismos educativos que facilitem a sua compreensão pelo “outro”.

As experiências proporcionadas pela mediação cultural no âmbito do espaço museal procuram mostrar como o patrimônio cultural pode (e deve) ser um instrumento de empoderamento, de cidadania e de desenvolvimento socioeconômico. O estudo dos processos de cognição, por meio do acervo de museus, permite refletir sobre um conhecimento sutil sobre cultura e história, pautado em dispositivos não verbais e em uma experiência que congrega objetos, espaço e tempo, arregimentados sobre uma narrativa fluida que convida o visitante a imergir e trilhar suas próprias rotas de “leitura”. Para Chiovatto, “os objetos pertencentes à coleção dos museus são fruto de uma seleção da cultura material humana, por isso, por meio deles podemos entender como somos e percebê-los como parte do que somos” (2010, p. 1).

Martins e Demarchi partem do pressuposto de que mediar é “estar entre muitos” (2016, p.6), o que coloca todos na condição de quem também há de viver e potencializar uma experiência, despertando corpos, caminhando juntos, levando e sendo levado. Reforçando esse argumento, Mirian Celeste Martins (2005) enfatiza que a mediação pode ser compreendida como um encontro sensível, atento ao outro. Coutinho (2009) afirma que ações educativas provocadas pela mediação podem potencializar os processos de interpretação, independentemente do momento, seja durante a apreensão de informações por parte do fruidor, ou na ocasião de articular essas informações recebidas.

Museu e cidade: um diálogo possível

Para a nova museologia, é mais apropriado pensar o museu contemporâneo como um processo, em detrimento de uma concepção que o interpreta como uma instituição ou uma estrutura acabada. É um ser vivo como a própria cidade, em constante movimento para se adaptar às mudanças que acontecem nela e em seu ambiente, seja ele regional, nacional ou global. O nosso estudo de campo revelou que o jovem estudante e morador da Região do Cariri está predisposto a não gostar da ideia de frequentar o museu Vivo do Padre Cícero. Uma das razões que explicam esse distanciamento associa essa situação ao fato de o museu ser percebido na cidade como uma casa de oração.

Tal panorama reclama ações educativas e de mediação cultural que desconstruam essa visão e ressignifiquem o valor cultural e simbólico que este equipamento tem para o município de Juazeiro do Norte e para a cultura nordestina. Acolher a diversidade que caracteriza este espaço público, sem silenciar conflitos

nem vozes discordantes, sem isolar ou impedir a emergência da pluralidade e das tensões que lhe são próprias, apresenta-se como um ponto de partida para conceder ao museu um estatuto de território neutro e discursivo, sem prejuízo de seu papel social, humanístico e cultural. Essa diretriz ganha relevo nos estudos sobre museologia popular (*muséologie populaire*) na perspectiva de Maude Céré (1982), quando o autor desloca o museu de uma condição estática, que predomina em seu papel de instituição, para uma situação dinâmica, passando a ser pensado como um processo.

O museu deve ser construído, mês a mês, ano a ano, pelo povo, naturalmente com o auxílio de profissionais [...]. Não é nem mesmo necessário chamá-lo de “museu”: se todo o território for envolvido, se todo o patrimônio da comunidade for levado em consideração, se as exposições forem apenas uma das técnicas utilizadas para a comunicação entre as pessoas (VARINE, 2014, p. 29).

Para Ana Mae Barbosa (2003), as exposições são um meio privilegiado de mediação cultural e um elemento constante de qualquer museu. Nelas intervêm diversos agentes, desde os vários especialistas da área envolvidos com montagem, aos públicos que as visitam. Na medida em que geram ideias e criam um espaço de partilha de conhecimentos e interpretações, as exposições são meios de aprendizagem por excelência. O público deixou de ser apenas uma massa indefinida que frequenta exposições e passou a ter cor, idade, nível social, cultural, gosto e exigências. Por esta razão, as ações educativas pensadas para a contemporaneidade devem considerar tanto a diversidade do público como as especificidades e idiossincrasias dos contextos.

Considerações finais ou por uma educação dos sentidos

Em sentido amplo, realizamos, neste artigo, uma reflexão sobre a configuração expositiva dos museus, na condição de espaço educativo. A questão norteadora da pesquisa consistiu em realizar um estudo sobre o Museu Vivo do Padre Cícero, compreendido enquanto instituição de educação não formal, discutindo e problematizando algumas instâncias de seu projeto educativo. A despeito da delimitação geográfica apresentada neste artigo, as reflexões particulares servem para ilustrar alternativas que podem ser discutidas e aplicadas em âmbito geral. Questões como identidade cultural, projeto educativo e compromisso social, perpassam obrigatoriamente todas as pesquisas sobre a agência do espaço museal na contemporaneidade. Cada vez mais os museus se apresentam como um campo aberto de possibilidades, um espaço para a criação e para a imaginação, e que promove uma experiência singular (DEWEY, 2010), mas que também se constitui como um território de descoberta do Outro (o outro do Outro, o Outro em nós), como almejava Paulo Freire, o que poderíamos chamar de um lugar para a educação dos sentidos.

Referências

BARBOSA, A. M., COUTINHO, Rejane. **Arte Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BARBOSA, A. **Arte, Educação e Cultura**. Artigo de Opinião. 2003. Disponível em: <<http://www.instituto14bis.org.br/arquivos/ArteEducaoECultura.pdf>>. Acesso em: 16/09/2017.

_____. Arte-educação em museu de arte. **Revista USP**. São Paulo. 1987. Disponível em: <<https://www.revistas.usp>>.

usp.br/revusp/article/view/25467/27212>. Acesso em: 10/09/17.

BRITO, Carla Façanha de. **Proposta de categorização dos ex-votos do casarão**: o museu vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. João Pessoa, PB. 2012.

CARMINATI, Thiago Zanotti. **A Dádiva da Imagem**: as promessas como produção de pessoas e objetos (etnografia em Juazeiro do Norte). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2012. Tese (doutorado) – UFRJ/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/ Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2014.

CÉRÉ, Maude. **La portee éducative des ecomusees**: le cas Aute-Beauce. Memoire presente a l'Universite du Quebec a Montreal gomme exigeance partielle de la maitrise en etude des arts. 1982.

COUTINHO, Rejane. **O educador pesquisador e mediador**: questões e vieses. Belo Horizonte, 2013, Artigo de Opinião. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/82>>. Acesso em: 16/09/2017.

_____. Questões sobre a formação de mediadores culturais. **Anais do evento 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais** – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf>. Acesso em: 08/09/2017.

CHIOVATTO, Milene. **Ação Educativa**: Mediação Cultural em Museus. Jornadas culturais. São Paulo-SP: Centro de Memória Fundação Bunge, 2010.

DEWEY, Jonh. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo-SP: Editora Olho D'Água, 1993.

MARTINS, Mirian Celeste, DEMARCHI, Rita. Mediação cultural: entre sujeitos/corpos/experiências estéticas. **Revista Digital Arte Educação-Cultura-Formação-Comunicação-Produção**. V. 8. n. 17. Julho, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação**: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, out, 2005.

_____. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 49-60.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1). ROCHA, E. S. E. **Vestígios do Sagrado**: uma etnografia, sobre formas e silêncios. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo – USP. Tese apresentada em 2012.

ROQUE, Maria Isabel. **O sagrado no museu**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

PADRÓ, M.C.P. **La funció educativa dels museus**: un estudi sobre les cultures museístiques. Programa Doutorado. Universitat de Barcelona. Departament de didàctica de les Ciències Socials. 1999. Disponível em: <<http://www.ub.edu/histodidactica/tesis/get/99>>. Acesso em: 10/09/17.

VARINE, Hugues De. O museu comunitário como processo continuado. **Cadernos do CEOM** - Ano 27, 2014.

Site

Portal do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAN. Disponível em:

<http://www.museus.gov.br/> . Acesso em: 09/09.

Recebido: 02/11/2017.

Aceito em: 24/08/2018.